

O conde de Ferreira

I

Um grande moralista escreveu esta verdade profunda: «Poucos homens de haveres deixarão de ter momentos em que se não pejem de ser ricos, ou, pelo menos, de ser unicamente olhados como ricos [1].» O homem a cuja memoria honrada dedicâmos estas linhas, pertencia ao numero d'esses poucos para quem o brilho do oiro não é luz sinistra que illumine as divindades a que muitos costumam sacrificar. Fôra o trabalho o seu primeiro cuidado, o seu primeiro attractivo; d'essa lucta, d'essa porfia, d'esse aferro, d'esse lavor constante, levantou elle um dia a cabeça orvalhada de suor, e pôde então contemplar em meda alterosa o fructo do seu lidar incançavel.

Este trabalho é já virtude. Quando os filhos prodigos da natureza se deitam á sombra da arvore copada que outras mãos plantaram e fortaleceram, é para ver esta familia de operarios que atravessam o mar, que passam a outro hemispherio, que convertem os estorvos em incentivos, que mal espreitam a luz da manhã saem, como os seareiros diligentes, a cuidar do seu grangeio e da sua vida, que deixam, por assim dizer, o calor dos peitos maternos para ir por esse mundo fóra em busca da fortuna leviana, que umas vezes acorda os que adormecem á beira do perigo, outras precipita os que mais sobreaviso procuram caminhar.

Immensos succumbem, a tarefa é ardua; n'este quebrar o peito contra a resistencia mysteriosa, resistencia a que o velho fatalismo oriental chamava o destino, n'este aproar contra recifes e penedos, n'esta tenacidade animosa, a miude louca, por vezes sublime, nem sempre se realisam os sonhos, nem sempre se fartam as aspirações. Os que, quando chega o outono, vêem fartos e abarrotados os graneis onde encelleiraram as colheitas do estio, são, na verdade, poucos; os que abrem depois esses graneis, e que tiram d'elles, a esmo e sem eleição, o sustento e o amparo para famintos e necessitados, são com certeza rarissimos.

É que, digamos uma verdade dolorosa, mas infelizmente uma verdade, a opulencia tem geralmente por alicerce o egoismo. Os que gastaram a melhor parte da existencia a agenciar o futuro olham pouco para os que nunca o poderam alcançar.

Vem da sua navegação afadigada, do seu mourejar incessante, e quando chegam a porto hospedeiro e aprazivel reclinam-se sobre a verdura das margens, e cuidam pouco dos que andam a labutar de cabos em fóra. É condição humana.

Que admira então que haja d'essas almas sordidas e aleijadas, que nos parecem feitas de podridão e de lodo? São ellas sobejas. Agita-as a febre do ganho e do interesse, como outras se inflammam pelo amor da virtude e da gloria; esbulhar é a sua unica voluptuosidade. Que se importam ellas com o mundo? que tem commum com o resto da humanidade? A avidez impelle-as, norteiam-se pelo oiro, fazem atlas de contratos. Os que taes almas possuem não são parentes, nem amigos, nem cidadãos, nem christãos, nem porventura homens: são abastados [1].

A mais bella antithese d'estes Harpagons de todos

[1] Duclos — *Considérations sur les mœurs de ce siècle*, pag. 158.

[1] La Bruyere — *Les caractères*, tomo I, pag. 142.

os tempos e de todas as partes foi o sr. Joaquim Ferreira dos Santos, 1.° barão, 1.° visconde e 1.° conde de Ferreira.

A historia dos varões prestantes não tem nas suas paginas outro nome que se emmoldure em mais esplendida aureola de virtudes civicas. Os titulos e as veneras, com que a munificencia real o havia brindado, desappareceem em frente d'esses dons, que lhe tinham sido mimo originario, e que o tornavam, de seu natural, superior pelo caracter e pela consciencia.

O capitulo mais eloquente da sua vida escreveu-o elle com a cabeça pendida sobre o peito, com os olhos baços, com a respiração enfraquecida, com o estertor na garganta, ao dictar a sua vontade ultima e generosa.

Um dos mais completos jornaes do Porto escrevia no dia 25 de março de 1866 as seguintes palavras: «Falleceu hontem pelas 9 horas da manhã, depois de ter recebido o sacramento da extrema-uncção, o sr. conde de Ferreira, abastado capitalista d'esta cidade. Estabelecido desde muitos annos no Porto, depois da sua volta da America, onde residiu por bastante tempo, o sr. conde de Ferreira, possuidor de abastados haveres, que continuou augmentando, applicou-se a beneficiar muitos dos estabelecimentos pios d'esta cidade de uma maneira que a imprensa por vezes registou como digna de louvor, que effectivamente era [1].»

N'estas linhas rapidas e despretenciosas temos nós compendiada a historia do benemerito conde de Ferreira, como ainda ha pouco um ministro da coroa o appellidou no parlamento. Esta vida firma-se no trabalho e na caridade; com uma das mãos colhe elle o fructo, e com a outra espalha-o. Ha naturezas maravilhosas. Assim como as nuvens se engrossam e enchem com os vapores da terra, para depois se desatarem em cataractas prolificas, assim estes homens elevados se abastecem e opulentam para um dia se rasgarem como as nuvens, e como ellas deixarem cair a chuva abençoada dos confortos e das alegrias.

(Continúa) E. A. Vidal.

A VISÃO DO TENENTE

(Vid. pag. 138)

II

SEGUNDA VISTA

Raphael da Silva Menezes era filho de um dos melhores fidalgos da côrte, que partíra com o principe D. João para o Rio de Janeiro. Quizera levar comsigo o filho, mas o moço cadete, mais guerreiro do que patriotico, exaltado havia muito tempo pelas narrações d'essas campanhas maravilhosas que assombravam o mundo, desde que em 1796 surgira no horisonte italiano o astro militar de Bonaparte, cujo fulgor completamente offuscou as estrellas de Cesar, Turenne ou Frederico, não quizera perder a occasião de ver de perto os heroes d'essa *Iliada* de boletins, em cuja leitura desvelava as noites. O pretexto que elle dera a seu pae para desculpar a sua teima fôra a defesa da patria, que de um momento para o outro podia reclamar o seu braço. Não ha dúvida que, se o grito de revolta resoasse nos muros de Lisboa, ou nas campinas do Alemtejo, ou nos serros da Beira e de Traz-os-Montes, Raphael correria a enfileirar-se no exercito nacional, e, depois de comprimentar cortezmente os seus adversarios, cumpriria o seu dever patriotico á frente da insurreição.

Mas Portugal parecia completamente resignado á sua sorte; a occupação franceza não encontrava a minima resistencia, e Raphael pensou com secreto jubilo que poderia ir tomar parte nas épicas façanhas dos exercitos do imperador. Não me accusem o rapaz por isso. Não era elle só que occultava no fundo do coração os mesmos sentimentos. Os loiros dos soldados francezes tiravam o somno a muitos bravos, condemnados, havia um bom par de annos, aos estereis ocios da vida de guarnição. Demais, o sentimento patriotico não estava ainda bem definido. Contra quem deviamos reagir? Contra os francezes, ou contra os inglezes? Em nenhum dos campos tremulava livre e ufana a bandeira das quinas. Se de um lado se desfraldavam as aguias francezas, o estandarte, a cuja sombra se abrigava a familia real portugueza, tinha estampado o leopardo inglez. Não sei qual era mais humilhante, se a invasão imperial, se a protecção britannica.

Por isso Raphael ficou. O pae sorriu-se para dentro, julgando que uma das causas principaes d'essa resolução emanava dos lindos olhos de D. Maria de Menezes, sua prima bastante afastada, de quem era promettido noivo. Os enlaces ajustados pela familia encontravam d'esta vez, caso raro, o pleno assentimento d'aquelles de cuja mão se havia disposto. Raphael amava e respeitava Maria, esta consagrava a Raphael um amor, que tinha a um tempo os ardores do affecto conjugal e a gravidade do amor de mãe.

E, comtudo, eram ambos quasi da mesma edade, porém Maria era incontestavelmente uma mulher superior. Espirito ardente e enthusiastico, de uma instrucção rara ainda hoje, muito mais rara n'esse tempo, instrucção que adquirira quasi sem mestres. Maria chegava a assustar seus paes pelo fervor com que a sua imaginação se arrojava ás mais elevadas concepções da intelligencia humana. Fragil de corpo, a alma como que devorava e queimava esse transparente involucro, e o fogo que lhe ardia lá no intimo dava-lhe ás vezes uma lucidez quasi sobrenatural. Penetrava os pensamentos mais occultos dos outros com uma segurança aterradora. O seu olhar, brilhante de intelligencia, explorava os mais reconditos refolhos da alma que se expunha ás suas observações. Não admira, pois, que Raphael não lhe soubesse nem podesse occultar o sentimento que o dominava.

Maria amava-o, e amava-o loucamente. Por quê? Ella mesma o dissera. Captivára-a esse espirito ingenuo e facil de commover, namorára-se d'essa organisação poetica, um tanto feminil e cavalheiresca. Bem sabía que elle nunca a poderia comprehender, bem sabia que o amor que ella lhe tinha fascinava-o mais do que o penetrava, e que era muito ardente esse sentimento para que o pobre moço não refugisse instinctivamente do abrazador contacto. Era como o amor que as deusas ás vezes consagravam aos filhos dos homens; Endymião havia de tremer sempre quando a severa Diana lhe apparecesse radiante na gruta da floresta.

Depois, digamol-o francamente, Maria tinha uma organisação artistica, e a belleza attrahia-a. No nosso orgulho de sexo feio, queremos recusar ás mulheres o gosto por aquillo mesmo que n'ellas nos fascina, a correcção harmoniosa das feições, ainda que muitas vezes n'ellas se não espelhe nem a intelligencia, nem a alma apaixonada. Maria amava Raphael tambem porque elle era bello. Os cabellos loiros frisavam-lhe naturalmente; o olhar era incerto, mas muitas vezes varonil, meigo bastantes vezes; o buço nascente desenhava-se bem, orlando o labio vermelho; tinha airosa estatura, e ninguem montava a cavallo mais elegantemente do que elle.

Os leitores sorriem-se, as leitoras comprehendem-me talvez, lembrando-se dos seus primeiros sonhos; mas o que é certo é que uma invencivel fatalidade ligára o destino de Maria ao capricho de Raphael.

A pobre menina estava enferma, como vimos; a

1 *O Commercio do Porto*, anno 13.°, n.° 68.

doença de peito, que opprime fatalmente estas organisações delicadas, aggravára-se com os frios e as tempestades d'esse terrivel inverno de 1807, que poderia ter sido para Junot, se no governo portuguez houvesse resolução, quasi tão fatal como o de 1812 foi para o exercito da Russia; esperavam seus paes que a primavera no campo a restabelecesse; mas ao doce influxo de Maria oppunha-se uma influencia terrivel, a da ausencia de Raphael.

Comtudo, os primeiros mezes pareceram justificar um pouco a esperança por todos alimentada; as brisas da primavera, reflorindo tudo em torno, tambem a refloriam a ella. Passava horas esquecidas no sitio em que se despedíra de Raphael, e voltava sempre animada e risonha. As cartas do seu noivo succediam-se sem interrupção. O regimento estava em Salamanca, e Raphael, enfastiado da sua inacção, todo se desfazia em protestos de amor e de saudade. Entretanto rebentou a revolução da Hespanha, indignada contra a prepotencia de Napoleão e as insidias de Bayona. Maio sacudia sobre os campos a sua tunica perfumada, e o ceo azul ria como um verdadeiro ceo de Anacreonte. Comtudo, uma nuvem toldava o coração de D. Maria de Menezes. Ia rebentar a guerra. O regimento do seu noivo partíra de Salamanca para Valladolid, por ordem de Junot. As cartas tornaram-se mais raras, porque a revolução interceptára os correios, mas a gentil menina com isso não se abatêra; bem sabia ella que era seu o coração do noivo, em quanto a gloria, essa deslumbrante rival, não apagasse a sua imagem. As tropas portuguezas iam-se aproximando cada vez mais de França. As outras cartas que recebeu foram successivamente datadas de Burgos, de Victoria, e, finalmente, de Bayona.

Chegára entretanto o mez de agosto de 1808, e Portugal fremente, cobrando novos brios com o desembarque das tropas inglezas commandadas por sir Arthur Wellesley, ergueu-se em massa para combater o inimigo. As guerrilhas ferveram por toda a parte. Mas as scenas principaes do drama representavam-se entre Lisboa e a Figueira, e entre as tropas francezas commandadas por Junot e as forças inglezas de sir Arthur Wellesley. Não era o duque de Abrantes general capaz de se medir com o futuro lord Wellington. Possuia todos os defeitos dos generaes educados na eschola de Napoleão, sem outras qualidades brilhantes que não fosse uma coragem a toda a prova. Não soube senão arrojar-se como um toiro ás alturas inaccessiveis do Vimeiro, onde Wellesley prudentemente se fortificára, e dar ás suas tropas a occasião de desenvolverem uma intrepidez esplendida, mas infructifera. Comtudo, a sua energia salvou-o da vergonha extrema por que passára Dupont em Baylen. Encerrando-se no castello de S. Jorge, mostrou-se decidido a morrer com as armas na mão antes que a entregar-se. O general inglez, que só queria livrar-se d'elle para possuir o mais depressa possivel em Portugal o ponto de apoio de que necessitava para resistir ao impeto das tropas imperiaes, deu-lhe a capitulação que elle quiz, prestando pouca attenção ás reclamações dos portuguezes, seus alliados, que, tendo contribuido tão energicamente para o successo, não lucravam com a victoria mais do que obedecerem a Wellesley em vez de obedecerem a Junot.

D. Maria de Menezes seguira com ancia as varias peripecias d'esta lucta. Além de estarem n'ella empenhados os interesses da sua patria, que D. Maria prezava como verdadeira compatriota de D. Filippa de Vilhena, além d'isso, outro interesse mais directo a preoccupava. Se Junot soffresse um desastre similhante ao de Dupont, se as tropas francezas ficassem prisioneiras de guerra, não seria inevitavel a sua troca pelas forças portuguezas que tinham sido arrastadas para França? E então Raphael voltaria, oh! voltaria de certo.

Assim, foi com jubilo sincero que ella recebeu a noticia das batalhas de Roliça e do Vimeiro; foi quasi com enthusiasmo que viu passar os soldados de um regimento francez que se recolhia a Lisboa, em cujas physionomias, ainda intrepidas e marciaes, se lia não o abatimento, mas a revolta contra os golpes da fortuna, que os feria depois de os ter protegido por tanto tempo. No dia immediato D. Maria pôde ver do seu mirante resplenderem ao longe aos raios do sol as fardas vermelhas dos soldados inglezes. Alguns officiaes foram aboletados em sua casa; Maria acolheu-os como a libertadores, e elles não poderam deixar de manifestar a sua admiração por essa flor ainda pallida, mas que ia recobrando viço ao calor do sol e da esperança. Ao ouvirem as enthusiasticas palavras com que ella acclamava o triumpho completo da causa patriotica, vendo com que ardor ella desejava que sir Arthur fizesse passar as tropas francezas por baixo de umas novas forcas caudinas, os officiaes inglezes chamavam-lhe rindo *a rainha Boadicéa*. Ella ria-se tambem, e os paes, pouco perspicazes, julgavam que Raphael estaria esquecido, e já lançavam as suas vistas matrimoniaes para um joven e ruivo lord que hospedavam em sua casa, e que devia possuir um dia quasi um condado inteiro.

Mas tudo mudou quando a capitulação de Cintra foi conhecida. Os officiaes inglezes vieram notícial-a um pouco envergonhados. Maria ouviu-os em silencio e de sobr'olho franzido. Quando elles acabaram perguntou lhes por entre os dentes cerrados:

— E nada se estipulou ácerca da legião portugueza?

— Nada, respondeu um d'elles; as tropas francezas retiram sem condições. Junot ameaçava fulminar Lisboa com a sua artilheria, e nós, para salvarmos a capital de um reino alliado...

— Oh! quanto lhes devemos estar agradecidos, exclamou ella erguendo-se de um impeto. Beijâmos-lhes as mãos por tamanha mercê! Compraram barato o campo de batalha de que tanto precisavam. Oh! mas, se Deus for justo, ainda um dia o facho assolador da guerra, cujas faiscas tão facilmente semeiam pela Europa, lhes ha de abrazar os monumentos d'essa Londres, de que tanto se ufanam.

E saiu, pallida e fremente como uma prophetisa antiga.

Veiu o outono desbotar um pouco as rosas que a primavera desabrochára nas faces da gentil menina, mas a esperança animava-a e o seu coração estava tranquillo. Adivinhára que não chegára ainda para Raphael o momento da crise. Depois, Napoleão entrára na Hespanha, e a sua presença e o seu genio restabeleciam em toda a parte o ascendente das suas tropas. Os hespanhoes batidos em Burgos e Somosierra; o exercito inglez de sir John Moore levado em completa derrota caminho de Corunha, presagiaram uma completa mudança de aspecto nos negocios da peninsula. Maria desejava-o. Todos os seus desejos só se concentravam agora na volta de Raphael, fosse qual fosse a bandeira que o conduzisse. Mas subitamente rebenta a guerra da Austria. Napoleão sae de Hespanha, a legião portugueza acompanha-o a novos campos de batalha. Este golpe foi mortal para a pobre senhora. A nova primavera vinha espalhar alegria nos campos, e ella definhava-se ao sôpro agreste do outono d'alma. Presentia que Raphael para sempre lhe fugira.

Comtudo, o anno de 1809 ia correndo, e os rumores da guerra longinqua chegavam aos ouvidos dos portuguezes, empenhados n'uma guerra não menos cruel. Maria conservava-se indifferente ás desgraças da patria, e só escutava os vagos echos da pugna gigante que se travava ao longo do Danubio. Uma segunda vista interior parecia revelar-lhe as peripecias d'essa campanha, que em Portugal mal se conheciam

pelas versões atrazadas e desfiguradas das gazetas inglezas.

Uma tarde de julho Maria estava, segundo o seu costume, sentada no largo de Carnide, ouvindo a brisa estival murmurar nas folhas das arvores, e vendo os raios do sol, que ia pendendo para o occaso, mas que ainda campeiava bastante alto no ceo, reverberarem nas janellas das casas da aldeia, accendendo nos vidros fogos rubros e scintillantes. Maria estava pallida e magra; os seus grandes olhos brilhavam com esplendor febril nas faces cavadas pela doença. O pésinho, distrahido, brincava com uma ou outra folha, sêcca prematuramente, que a viração despegava da ramaria da arvore que sobre ella estendia a sua vasta sombra. Mesmo por cima da cabeça de Maria uns poucos de passarinhos chilreavam doidamente, bem descuidosos das tempestades que assolavam a Europa. Ouvindo-os, Maria sentia uma tristeza immensa a inundar-lhe o coração; o seu pensamento voava para bem longe, e ia pairar sobre o exercito agrupado nas margens do Danubio. Subito os passarinhos calaram-se. Maria ergueu a cabeça, fez-se pallida, e uma dor repentina traspassou-lhe o coração.

— Meu Deus! disse ella.

Seu pae e sua mãe, que passeiavam a pouca distancia, voltaram-se a esse grito. Viram-n'a já de pé, quasi livida, com uma das mãos encostada ao tronco da arvore, com a outra comprimindo o coração.

— Que é isto? exclamaram elles correndo para sua filha.

— Oh! nada, nada; voltemos para casa... Uma dor subita... um deslumbramento... nem eu sei o quê... uma loucura.

Mas estava visivelmente desvairada. Os olhos brilhavam sinistramente, os labios convulsos tremiam.

— Esqueceu-me, murmurou ella, para sempre, para sempre!

Seu pae deu-lhe o braço, e foi-a conduzindo e amparando até casa. Entrou e deitou-se logo. Mandou-se chamar a toda a pressa o medico.

Do leito, Maria podia seguir o esmorecer da luz solar. Viu apagar-se a chamma no horisonte, viu as sombras do crepusculo invadirem a planicie, e os seus olhos, cravados n'esse espectaculo, pareciam não se poder desfitar d'elle em quanto os seus labios murmuravam:

— Bem o sabía!... Oh! os presentimentos... Senti, senti partir-se, como lhe dissera, a corrente que nos ligava... O que succedeu n'este instante?... Não o adivinho... mas o coração bem o sabe.

A mãe escutava-a convulsa e banhada em lagrimas. Pela estrada uma rapariga passava cantando:

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome «saudade»;
eu sustento mãe e filha
bem contra minha vontade.

Maria ergueu-se na cama, escutando silenciosa o canto singelo da camponeza, e os seus labios, franzidos n'um sorriso amargo, iam repetindo tambem a letra da cantiga. Quando a ultima nota se perdeu na distancia, a pobre menina caiu desfallecida no travesseiro.

No sino da egreja bateu, grave e lenta, a primeira badalada das Ave-Marias.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

Não deixes para ámanhã a boa acção que poderes praticar hoje.

O amor proprio é o microscopio que augmenta aos nossos olhos as proprias virtudes e os defeitos alheios.

VILLA DO PESO DA RÉGOA

(Conclusão. Vid. pag. 132)

II

Sendo a Régoa um centro importante do commercio dos vinhos generosos do Alto Douro, as suas vinhas consideram-se como aquellas em que a cultura é *geralmente mais aperfeiçoada* [1], o que dá muita honra aos lavradores d'aquella região, pois se vê que tem olhado solicita e intelligentemente para os trabalhos agricolas [2].

Os mais abastados proprietarios actualmente da villa são os srs. Antonio Bernardo Ferreira, Camillo de Macedo, João José Martins, José Vaz Osorio da Fonseca e Francisco Guedes Leite de Figueiredo, possuindo, além d'isso, os dois primeiros os maiores armazens para deposito de vinhos que alli se encontram, e onde, contando com os que tambem possuem o sr. Francisco José da Silva Torres e a afamada companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Douro, não será muito difficil armazenar um numero superior a 14:000 pipas.

Além da producção do vinho, que é a que mais avulta em todo o concelho da Régoa, na villa, propriamente dita, ha abundancia de cereaes, legumes e frutas, e todos estes generos são de optima qualidade, não só pelas condições do terreno, mas tambem pelos primores da cultura. A quantidade de vinho produzido este anno regulou de 1:000 a 1:500 pipas, no valor aproximativo de 20:000$000 a 24:000$000 réis; a do azeite calculou-se em 10 pipas, no valor de 1:200$000 réis; a do pão em 10 moios, no valor de 360$000 réis; e a dos legumes e frutas na importancia de 1:300$000 a 1:500$000 réis.

A producção do vinho, desde que o *oidium* invadiu os nossos vinhedos, tem ido em diminuição constante de anno para anno. A Régoa não ficou isenta de tão damninho influxo, apesar do enxoframento, como se vê em um quadro que podêmos considerar official, posto não seja a inteira expressão da verdade, porque todos sabem quão dificil é para as auctoridades, ainda as mais zelosas, colligir indicações e subsidios sobremodo uteis, mas que muitos se arreceiam de prestar por causa do fisco, e tambem ás vezes não prestam por indolencia ou frivolas considerações, sem pensarem sequer que prejudicam com isso os interesses nacionaes.

A diminuição da producção póde-se dar egualmente como uma das causas da decadencia que se observa na villa; mas devemos ter fé em que a abolição do sys-

1 Vid. *Memoria sobre os processos de vinificação empregados nos principaes centros vinhateiros do continente do reino*, apresentada ao ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. ministro das obras publicas, commercio e industria pela commissão nomeada em portaria de 10 de agosto de 1866, pag. 33.

Compunha-se esta commissão dos srs. visconde de Villa Maior, João Ignacio Ferreira Lapa e Antonio Augusto de Aguiar, os quaes, escrevendo separadamente os seus relatorios, os reuniram depois no livro que tem o titulo acima indicado.

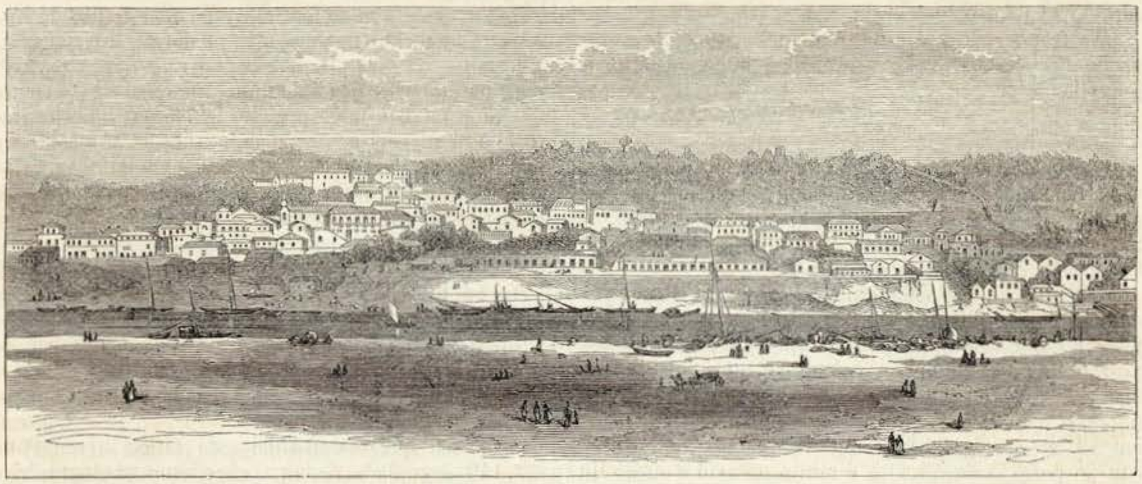
2 Todos sabem que os vinhos generosos chamados geralmente *do Porto* são de superior qualidade, e que não devem receiar a concurrencia dos vinhos estrangeiros em qualquer parte do mundo, quando escrupulosamente preparados; mas, se se quizesse mais uma prova, tel-a-hiamos na actual exposição universal de Paris, onde alguns dos principaes agricultores do Douro, que alli expozeram os seus productos, foram premiados n'aquelle grandioso certamen da industria. Registaremos aqui os nomes d'esses expositores, que são:

Com a medalha de oiro:—Rebello Valente & Thomaz Archer, D. Antonia Adelaide Ferreira, Luiz Teixeira Mourão, Mathias Feuerheerd Junior, Antonio de Almeida Campos, Antonio Caetano Rodrigues, Affonso Botelho Sampaio e Sousa.

Com a medalha de prata:—Antonio Bernardo Ferreira, Antonio Ferreira Menezes, Eduardo Kebe, José Teixeira Sampaio, visconde de Alpendurada.

Com a medalha de bronze:—D. Anna Augusta de Araujo, Miguel da Veiga Cabral, Gonçalo G. de Carvalho, Antonio de Mello Vaz Sampaio, J. M. Sampaio da Veiga Cabral, D. Ermelinda da Veiga, Antonio de Lemos Teixeira de Aguilar, Bonhard & Ferreira Pontes, Gonçalo de Carvalho, Joaquim Pinto Machado, Kopke & C.ª, João Vicente Domingos, companhia commercial dos vinhos do Douro.

Com a menção honrosa:—João Baptista de Sampaio, visconde de Soveral, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, Roberto Augusto de Magalhães, Bento de Q. Pinto de Serpa Mello.



Vista da Régoa em 1865, segundo uma photographia do sr. padre Luiz Antonio de Frias

tema restrictivo, se determinou, como dizem, uma apathia mais sensivel, em pouco tempo determinará, porém, sensivel engrandecimento, porque a liberdade, seja qual for a sua manifestação, ha de naturalmente dar fructos abençoados.

O quadro a que alludimos refere-se a todas as freguezias do concelho do Peso da Régoa, e representa a producção média das mesmas freguezias calculada: primeiro, pela dos cinco annos de 1847 a 1851, anteriores á invasão do *oidium;* segundo, pelos sete annos de 1858 a 1864, isto é, desde que a epiphetia começou a ser dominada pelo enxoframento [1], nos seguintes algarismos:

Freguezias	1847-1851 Pipas	1858-1864 Pipas
Covelinhas	664	409,5
Fontellas	1:223	722,8
Galafura	861	431,3
Godim	2:286	1:088,7
Loureiro	1:550	460,7
Moura Morta	536	175,2
Peso da Régoa	2:499	2:087,8
Poiares	5:120	2:493,8
Sediellos	491	227,1
Vallarinho dos Freires	2:152	1:074,8
	17:382	9:171,7

A este quadro, que não deixa de ser interessante, porque nos mostra a producção do vinho antes e depois do *oidium*, e revela tristemente que, por exemplo, para a freguezia de Poiares, o decrescimento do generoso nectar chegou á metade, com grande prejuizo d'aquella povoação, ajuntaremos as linhas de que o sr. visconde de Villa Maior o acompanha [2]:

«Foi, por conseguinte, a producção média no primeiro periodo de 108:005 hectolitros aproximadamente, e no segundo foi apenas de 58:332 hectolitros. Desde 1858 até 1863 foram guiadas para o Porto 31:198 $^1/_2$ pipas, ou a média annual de 5:183 pipas, isto é, proximamente 32:964 hectolitros. Durante o mesmo periodo ficaram por consumo a reserva nos armazens e adegas da freguezia 20:940 pipas ou 133:178 hectolitros, ou a média annual de 22:196^h,4.

«Segundo as informações da auctoridade administrativa, metade da producção vinicola do concelho (da Régoa) é enviada para a cidade do Porto para exportação estrangeira, e da outra metade a maior parte é consumida no Porto e no concelho da Régoa, sendo ainda uma parte da producção convertida em aguardente. Em quanto aos preços, tem occorrido variantes tão extraordinarias, que d'ellas se não póde concluir um preço médio verdadeiro: parece que ultimamente foi o preço do vinho de exportação de 20$000 réis, e o do consumo de 12$000 réis por pipa.

. . . .

«As vindimas principiam geralmente de 10 a 15 de setembro. O vinho é feito nos lagares, que são, como em todo o Douro, tanques rectangulares de cantaria, elevados 1 metro acima do solo, munidos de prensa de vara e parafuso, e dispostos de modo que o vinho feito possa correr naturalmente para as vasilhas que se acham collocadas na adega, cujo pavimento é sempre inferior ao da casa dos lagares.

«O methodo da fabricação do vinho é o mesmo que foi descripto [1], e que se pratica no resto do paiz vinhateiro. Ao vinho destinado á exportação addiciona-se a aguardente, cuja quantidade varia de 2 a 5 almudes por pipa, conforme se querem fazer vinhos menos ou mais doces e geropigas.

[1] *Loc. cit.*, mesma pagina.

[2] *Loc. cit.*, pag. 34.

[1] A respeito da fabricação dos vinhos finos, tratando do concelho de Alijó e especialisando o cuidado com que o sr. dr. Sampaio, de Casal de Loivos, fabrica os seus vinhos generosos, diz o sr. visconde de Villa Maior, a pag. 7 da *Memoria* citada, o seguinte:

«Vindimadas as uvas e escolhidas com todo o cuidado, separando e eliminando todos os bagos sêccos, podres, incompletos e maus por qualquer motivo, são postas no lagar, de modo que este se encha no menor espaço de tempo possivel. Os lagares são geralmente grandes, e a sua capacidade está em relação com a das vasilhas, para que estas se encham sem interrupção e com producto identico *. Depois de cheio o lagar, entram n'elle os homens em numero sufficiente para effectuar uma pisa completa no primeiro trabalho: ordinariamente faz-se este serviço, a que se chama a *sóva*, com tres homens por pipa, os quaes, com os pés nús e bem lavados, calcam as uvas pelo menos durante seis horas na primeira noite. No dia seguinte continúa o trabalho com menos gente, dois homens por pipa, e começa a observar-se a marcha da fermentação. Nem sempre esta se estabelece promptamente, o que depende muito das condições meteorologicas, e n'este caso alguns tentam promovel-a, fazendo entrar no lagar muitos homens para que, pelo calor d'estes, a fermentação se desenvolva. Outros empregam um meio mais razoavel e infallivel, que consiste em introduzir no lagar, cujo mosto se conserva mudo, o cango ainda quente de uma lagarada immediatamente anterior, quando podem dispor d'este recurso. Estabelecida a fermentação, e quando ella se acha muito activa, o que se reconhece pela ebullição de grossas espumas, entram novamente no lagar alguns homens com o fim de fazer mergulhar o cango que já se acha levantado, promovendo d'este modo a dissolução mais completa da materia córante, que só se póde effectuar á custa do alcool formado na fermentação.

«D'este ponto em diante os homens deixam o lagar, mas presta-se assidua attenção á marcha da fermentação. Observa-se se a temperatura diminue, se a espuma se torna menos volumosa, e se o cango

* «Em circunstancias especiaes alguns lavradores mandam desengaçar parcialmente as uvas, o que se faz no lagar á proporção que ellas entram e por meio dos ensinhos de dentes miudos, passando depois pela siranda ou grade de madeira os bagos que escaparam e vão juntos com o engaço. Esta operação é util no caso de não estarem as uvas muito maduras, ou em geral quando ellas não podem fornecer um mosto rico em assucar.»—Nota do auctor do relatorio.

«O que se destina ao consumo leva apenas 6 canadas de aguardente por pipa. Os vinhos são geralmente trasfegados desde dezembro a fevereiro. Conservam-se bem e melhoram com a edade.

«As freguezias que produzem melhores vinhos são as de Covelinhas, Poiares, Peso da Régoa, Godim e Fontellas.»

III

O clima da villa da Régoa (e não se confunda a villa com o concelho de que acima fallámos), como geralmente em toda a região vinicola do Douro, é mui temperado; e, embora tenha falta de agua potavel, não é doentia.

A população da villa em 1823 (pomos aqui esta data por não nos ter sido possivel encontrar outra mais remota) era de 1:630 habitantes de ambos os sexos, porém, actualmente, calcula-se que não descerá de 3:465, sendo 1:640 do sexo masculino, e 1:825 do sexo feminino. O augmento da população foi, pois, em 43 annos, de 1:835 habitantes, o que, em attenção ao periodo designado, é muito notavel e muito lisongeiro para a villa, porque manifesta a excellencia e o desenvolvimento de suas condições economicas.

Não ha criação de gados, propriamente dita; alguns lavradores se dão á cria do gado suino, mas em tão pequena escala, que não vale a pena de entrar em especiaes averiguações a esse respeito.

Como vimos, a companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Douro tem um deposito na villa, mas ha só uma companhia que tem alli a sua séde, e esta é a que se denomina de «Seguros dos Arraes do Rio Douro». Estabeleceu-se na villa com um capital de 36:000$000 réis, e tem por fim, como desde logo se infere do seu titulo, segurar os barcos e as mercadorias contra o risco dos naufragios. As companhias «Garantia», «União», «Seguro Douro», «Phenix» e «Provinciana», que tomam seguros contra naufragios e incendios, alli tem unicamente agencias.

Não sabemos se a villa tem ou teve algum theatro, mas é certo que ainda possue uma assembléa ou club recreativo denominado «Vinte e nove de Outubro», como respeitoso testimunho de sympathia e affecto para com sua magestade el-rei o sr. D. Fernando, pois que o titulo adoptado commemora o anniversario natalicio de tão preclaro principe.

O principio da associação, que se tem disseminado pelo reino, que em toda a parte mostra a sua acção benefica, e que as classes operarias abraçam em proveito da familia e da velhice, tambem alli echoou e se enraizou. Com admiração e prazer vemos que na Régoa ha já duas associações operarias, tendo cofre de soccorros, e contando cada uma não menos de 80 socios. Ambas são de fundação moderna, e posto não conheçamos os seus fundadores, damos-lhes sinceramente os emboras por saberem juntar os elos da cadeia fraternal que deve prender as classes laboriosas. A primeira d'essas associações intitula-se «Associação dos artistas do Peso da Régoa», e a segunda «Associação fraternal dos amigos do trabalho».

A gravura que publicámos a pag. 133 é cópia fiel de outra, desenhada em 1816 pelo sr. Antonio Joaquim de Sousa Vasconcellos, natural de Amarante, e aberta ao buril em Londres no anno 1817, pelo sr. Eduardo Harrifs Crofs. Esta gravura ingleza mede 75 centimetros de largura e 56 de altura, e pertence á municipalidade da Régoa, d'onde nos foi obsequiosamente remettida para se tirar a cópia que se estampou na dita pag. 133.

A gravura que acompanha este artigo e se vê a pag. 149 é copiada de uma excellente photographia que nos offereceu o sr. padre Luiz Antonio de Frias, e foi por s. s.ª tirada em 1865 da margem esquerda do Douro. Ao sr. padre Frias devemos tambem em grande parte os esclarecimentos que se encontram n'este artigo, por benevolencia do sr. Francisco Antonio Monteiro, que os solicitou, e a quem a empreza do *Archivo Pittoresco* está muito reconhecida por continuados favores.

Falta ainda notar uma circunstancia, que de proposito deixámos para o fim. É que a Régoa foi berço de um dos nossos mais festejados e sympathicos poetas, do auctor da *Lua de Londres* e do *Festim de Balthasar*, o sr. João de Lemos, que viu a luz n'aquella villa aos 6 de maio do anno 1819.

BRITO ARANHA.

TITULOS DE NOBREZA EM PORTUGAL

(Vid. pag. 119)

VII

DUCADOS QUE TEM SIDO CREADOS N'ESTE REINO

DUQUE DE COIMBRA (1415)

Succedeu no ducado de Coimbra ao infante D. Pedro, seu filho D. João, que foi 2.º duque, extinguindo-se por sua morte este titulo.

Nos ultimos annos d'esse mesmo seculo XV, el-rei D. João II deixou nomeado em seu testamento por duque de Coimbra a D. Jorge de Lencastre, seu filho bastardo, mercê que el-rei D. Manuel confirmou. Por fallecimento de D. Jorge se acabou o titulo, em razão d'este ser mudado no de Aveiro para seu filho e netos. Desde então não se tornou mais a dar o titulo de duque de Coimbra até ao corrente anno, em que el-rei o sr. D. Luiz I o renovou na pessoa de seu irmão, o serenissimo infante D. Augusto.

DUQUE DE VIZEU (1415)

Por morte do infante D. Henrique, 1.º duque de Vizeu, succedida em 1460, foi conferido este ducado ao infante D. Fernando, sobrinho, filho adoptivo e herdeiro d'aquelle illustre principe, e irmão del-rei D. Affonso V; que lhe concedeu a graça. Foi 3.º duque de Vizeu o primogenito do infante D. Fernando, chamado D. João, e fallecendo este solteiro, foi feito 4.º duque de Vizeu seu irmão, D. Diogo, cuja vida terminou tragicamente em 1484, sem que lhe ficasse successão legitima.

DUQUE DE BRAGANÇA (1442)

Depois d'aquelles dois ducados foi o primeiro o de Bragança. Creou-o el-rei D. Affonso V no anno de

começa a destacar-se do lagar. Quando apparece o cheiro vinoso bem declarado, quando a doçura do mosto tem diminuido, e que a adstringencia se manifesta bem sensivel, tira-se a prova, vertendo um pouco de mosto vinificado n'um prato de porcelana branco e limpo para ver se está bom de corpo e côr, se fórma lagrimas escorrendo pela porcelana, e, finalmente, se o cheiro e gosto vinosos, e a adstringencia fornecida pelo engaço, estão bem patentes. É então que se envasilha, addicionando-lhe logo ao entrar para o tonel a aguardente fina na proporção de 4 a 8 por cento do volume do vinho*. Despejado o lagar do mosto vinificado, é o cango espremido debaixo da vara, e o liquido que resulta se junta ao primeiro producto. Conserva-se aberto o batoque dos toneis até novembro; depois fecha-se completamente, e assim fica tranquillo o vinho até á epocha em que se trasfega para as pipas, com uma nova addição de aguardente, para ser enviado aos armazens de Villa Nova de Gaya, onde fica entregue aos cuidados do commercio.

«A constituição dos vinhos feitos por este processo não está completa senão no fim de alguns annos, e durante o longo periodo da sua organisação é pratica constante submettel-os a uma grande serie de lotações e cuidados que elevam consideravelmente o preço dos vinhos de primeira qualidade. Quando estes vinhos são feitos com todo o esmero, com uvas de boas castas, n'um estado completo de maturação e produzidas em bons sitios, não carecem senão da acção do tempo, dos trasfegos regulares e arejamento, com a addição gradual de boa aguardente, para se constituirem no estado de vinhos superiores.

«As exigencias commerciaes tem feito modificar muitas vezes o processo indicado, pois que o gosto dos consumidores, quasi sempre caprichoso, pede algumas vezes vinhos encorpados, carregados em côr, aromaticos, fortes em alcool, e ao mesmo tempo doces, e outras vezes pede vinhos mais leves, espirituosos e sêccos, com sabor de vinhos velhos. É por isso que muitos vinhos do Porto apresentam alguma coisa de artificial.»

* «Alguns colheiteiros empregam o *pesamosto* ou *glucometro*, não só para verificar o estado de maturação das uvas, mas até para reconhecer quando a fermentação chega ao ponto conveniente para envasilhar o vinho. Uns tiram o mosto quando elle marca no glucometro zero para ter os vinhos sêccos. Outros envasilham o mosto ainda com 4 ou 5 graus de assucar para que a fermentação continue na vasilha.»—Nota do auctor do relatorio.

1442, em favor de seu tio D. Affonso, conde de Barcellos e de Ourem, filho bastardo del-rei D. João I.

De D. Affonso, 1.º duque de Bragança, e de sua primeira mulher, D. Brites Pereira, filha herdeira do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, procederam os seguintes duques de Bragança: D. Fernando I, D. Fernando II, D. Jaime, unico do nome, D. Theodosio I, D. João I, D. Theodosio II, e D. João II, que em 1640 foi acclamado rei de Portugal com o nome de D. João IV, e foi chefe da dynastia reinante. Contam-se, por conseguinte, até ao actual duque, o serenissimo principe D. Carlos, 25 duques, entrando n'este numero os primogenitos dos reis D. João IV, D. Pedro II, D. João V, D. Maria I, e D. João VI, que falleceram em vida de seus paes.

DUQUE DE BEJA (1452)

Creou este ducado el-rei D. Affonso V para seu irmão, o infante D. Fernando, antes de succeder no de Vizeu.

El-rei D. João II, logo depois de assassinar seu primo e cunhado, o duque de Vizeu, D. Diogo, acima referido, fez duque de Beja e deu todos os senhorios e privilegios que este infeliz principe desfructára a D. Manuel, irmão de D. Diogo, o qual veiu a succeder no throno, passados onze annos, a el-rei D. João II.

Foi 3.º duque de Beja o infante D. Luiz, filho del-rei D. Manuel. Este soberano não chegou a satisfazer o desejo de conferir este titulo ao seu segundo filho; deixou-o, porém, recommendado a seu filho, el-rei D. João III, que o cumpriu.

Foi 4.º duque de Beja, por mercê del-rei D. João IV, o infante D. Pedro, seu filho, que mais tarde succedeu na coroa a el-rei D. Affonso VI, seu irmão.

Quinto duque de Beja foi o infante D. Francisco, filho del-rei D. João V; e o ultimo principe que teve este titulo foi o mallogrado infante sr. D. João, terceiro filho da sr.ª D. Maria II.

DUQUE DE GUIMARÃES (1470)

Foi creado este ducado por el-rei D. Affonso V para D. Fernando, conde de Guimarães, que ao diante succedeu no ducado de Bragança pela morte de seu pae, D. Fernando I, 2.º duque. El-rei D. Manuel confirmou n'este titulo a D. Jaime, 4.º duque de Bragança, que, com auctorisação régia, fez doação d'elle a sua filha, D. Isabel, quando casou com o infante D. Duarte, filho del-rei D. Manuel. Foi, por conseguinte, este infante 3.º duque de Guimarães; e seu filho, D. Duarte, foi o 4.º. Morrendo de 26 annos sem tomar estado, vagou o ducado para a coroa.

Em 1638, el-rei D. Filippe IV de Castella e III dos reis intrusos de Portugal, com o proposito de conjurar a tormenta que não tardou a rebentar, fez mercê do ducado de Guimarães com todos os senhorios que lhe andavam annexos a D. João, 2.º do nome e 8.º duque de Bragança. Com a ascenção d'este principe ao throno d'ahi a dois annos, ficou o ducado novamente encorporado na coroa.

DUQUE DA GUARDA (1530)

Por carta régia de 5 de outubro de 1530 nomeou el-rei D. João III ao infante D. Fernando, seu irmão mais novo, duque da Guarda. Foi o primeiro e ultimo duque d'este titulo.

DUQUE DE TRANCOSO

Foi creado pelo dito rei D. João III para o mesmo infante D. Fernando.

DUQUE DE AVEIRO (1547)

Por morte de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, seu filho primogenito, D. João de Lencastre, marquez de Torres Novas, foi feito duque de Aveiro por el-rei D. João III. Seguiram-se-lhe D. Jorge de Lencastre, 2.º duque de Aveiro; D. Alvaro de Lencastre, 3.º duque; D. Raymundo de Lencastre, 4.º duque; D. Pedro de Lencastre, inquisidor geral, 5.º duque; D. Maria de Guadalupe de Lencastre, sobrinha do antecedente, 6.ª duqueza; D. Gabriel de Lencastre, 7.º duque; D. José Mascarenhas, marquez de Gouvêa e conde de Santa Cruz, foi 8.º duque, ao cabo de sete annos de uma porfiosa demanda com D. Antonio de Lencastre, sobrinho do 7.º duque. D. José Mascarenhas foi justiçado na praça de Belem em 1759, como complice no attentado contra a vida del-rei D. José; e o ducado foi extincto.

DUQUE DE BARCELLOS (1562)

El-rei D. Sebastião fez duque de Barcellos, por carta de 5 de agosto de 1562, a D. João, primogenito do duque de Bragança D. Theodosio I. Ficou sendo privativo este titulo dos primogenitos dos duques de Bragança. Portanto, foi 2.º duque de Barcellos D. Theodosio, ao diante 2.º do nome, e 7.º entre os duques de Bragança; 3.º duque de Barcellos, seu filho D. João, 2.º do nome, 8.º duque de Bragança, e depois rei de Portugal; 4.º duque de Barcellos, seu filho D. Theodosio, que, depois de seu pae ser elevado ao throno, foi duque de Bragança e principe real, e que falleceu de 19 annos sem tomar estado. Conserva-se este titulo na casa real.

DUQUE DE VILLA REAL (1585)

D. Filippe II de Castella e I dos que intrusamente governaram em Portugal, elevou a duque de Villa Real o 5.º marquez do mesmo titulo, D. Manuel de Menezes, cuja ascendencia se entroncava, por diversos enlaces matrimoniaes, na arvore genealogica dos duques de Bragança e na dos antigos reis de Portugal. Foi D. Manuel o unico duque de Villa Real, em razão de ser mudado este titulo no de Caminha, na pessoa de seu filho primogenito, como adiante se verá.

DUQUE DE TORRES NOVAS (1619)

Creou este ducado el-rei D. Filippe III de Castella e II de Portugal para os primogenitos dos duques de Aveiro, por carta de 26 de setembro de 1619. O primeiro duque de Torres Novas foi D. Jorge de Lencastre, filho dos 3.ºs duques de Aveiro. Foi 2.º e ultimo duque de Torres Novas D. Raymundo de Lencastre, filho do 1.º duque, o qual, tendo já succedido a seu pae no ducado de Aveiro, quando se realisou a acclamação de D. João IV negou-se a reconhecer o novo soberano, e saiu para Madrid, onde falleceu.

DUCADO DE CAMINHA (1620)

D. Filippe IV de Castella e III dos que governaram em Portugal, elevou a duque de Caminha por carta de 14 de dezembro de 1620 a D. Miguel de Menezes, filho do 5.º marquez e 1.º duque de Villa Real. Outro D. Miguel Luiz de Menezes, sobrinho do antecedente, e filho do 7.º marquez de Villa Real, foi feito 2.º duque de Caminha por mercê del-rei D. João IV, aos 14 de maio de 1641. Porém esta graça não obstou a que este duque, e o marquez seu pae, entrassem na conjuração contra el-rei D. João IV, de que resultou serem justiçados com outros complices na praça do Rocio de Lisboa em 1641, sendo extincto o titulo.

DUQUE DE CADAVAL (1648)

El-rei D. João IV, querendo premiar os relevantes serviços prestados á causa da restauração de Portugal do jugo castelhano por D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 4.º marquez de Ferreira e 5.º conde de Tentugal, creou-o duque de Cadaval por carta de 18 de julho de 1648. Casou tres vezes, as duas ultimas com dūas princezas da casa de Lorena, em França.

A varonia dos marquezes de Ferreira é a mesma

da de Bragança. D. Alvaro, filho de D. Fernando, 1.º do nome e 2.º duque de Bragança, e irmão de D. Fernando II, 3.º duque, desposou-se com D. Filippa de Mello, filha e herdeira dos condes de Olivença. D'este consorcio nasceu D. Rodrigo de Mello, que foi 1.º conde de Tentugal e 1.º marquez de Ferreira.

Foi 2.º duque de Cadaval D. Luiz, filho do duque D. Nuno, o qual casou com D. Luiza, filha legitimada del-rei D. Pedro II. D. Jaime, 3.º duque, era irmão do duque D. Luiz, e casou com a viuva, sua cunhada. Foi 4.º duque seu filho, D. Nuno; 5.º duque o filho d'este, D. Miguel, e que casou com uma filha dos duques de Luxemburgo; e o 6.º e ultimo D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, que do seu matrimonio com D. Maria Domingas de Bragança Ligne e Sousa, filha do duque de Lafões, D. João de Bragança, teve a sr.ª D. Maria da Piedade Caetana Alvares Pereira de Mello, condessa de Tentugal, actual representante e senhora da opulenta casa de Cadaval. É casada com seu tio paterno, o sr. D. Jaime Caetano Alvares Pereira de Mello, filho dos 5.ºs duques.

DUQUE DE LAFÕES (1718)

El-rei D. João V, logo depois de reconhecer por principes da familia real a D. Luiza e a D. Miguel, filhos bastardos del-rei D. Pedro II, casou a primeira com o duque de Cadaval, como acima dissemos, e o segundo com D. Luiza Casimira de Sousa, filha e herdeira de D. Marianna de Sousa, 2.ª marqueza de Arronches e 5.ª condessa de Miranda, senhora da grande e nobilissima casa de Sousa, e de seu marido, o marquez Carlos José de Ligne, principe do sacro imperio romano.

A familia de Sousa é uma das mais illustres e antigas da peninsula. Teve principio em Sueiro Belfager, que viveu pelo anno 800. Antes da fundação da monarchia portugueza gozou esta familia, já então opulenta, os titulos de condes de Vieira e Cella Nova. Depois ainda mais se ennobreceu com varias allianças reaes, figurando entre estas a de D. Affonso Diniz, filho del-rei D. Affonso III, que se desposou com a herdeira da casa de Sousa.

El-rei D. João V, por occasião do consorcio de seu irmão, D. Miguel, concedeu á esposa d'este principe as honras de duqueza (1715); e d'ahi a tres annos, por carta de 2 de abril de 1718, creou em seu favor o ducado de Lafões.

Vamos referir um pleito singular a que este casamento deu origem, e que julgâmos pouco sabido.

A duqueza de Lafões, D. Luiza Casimira de Sousa, pediu a el-rei D. João V que lhe concedesse o tratamento de alteza, que seu esposo desfructava. O altivo soberano, que no ajuste d'esta alliança apenas tivera em vista estabelecer bem a seu meio irmão, dando-lhe por esposa uma das mais ricas herdeiras que então havia no reino, recusou formalmente annuir ao pedido da duqueza. Porém esta dama, depois de ver baldadas novas instancias e diligencias, suas e de outras pessoas, para moverem o animo do monarcha, recorreu aos tribunaes, allegando que, conforme a ordenação do reino, a mulher nobre, casada com homem nobre, tendo precedido approvação e licença régia, deve gozar das mesmas honras que desfructar seu marido.

Bem se póde julgar quanto desagradaria esta acção ao soberano, que instituira o governo propriamente pessoal, fazendo-se rei absoluto, pois que foi o primeiro dos nossos monarchas que deixou de chamar a cortes os tres estados da nação. Ordenou, portanto, D. João V ao procurador da corôa que contrariasse com todas as forças a pretenção da duqueza.

Foi longa e renhida a demanda, durante a qual obteve a duqueza tres sentenças em seu favor, até que, finalmente, a ultima d'estas, com a data de 26 de dezembro de 1723, acabando com o pleito, e tendo passado pela chancellaria, investiu aquella senhora no tratamento de alteza.

Servirá este caso de provar que n'aquelle reinado, apesar de dominar no regimen do estado o principio absoluto, as leis estavam superiores á vontade do rei; e os tribunaes de justiça exerciam livremente a sua acção benefica, sem dependencia ou coacção de especie alguma.

Voltando ao assumpto de que nos afastou a narração d'este facto, diremos que foi 1.º duque de Lafões D. Pedro Henrique de Bragança Sousa e Ligne Tavares Mascarenhas da Silva, primeiro fructo d'aquelle esclarecido enlace.

Tendo fallecido no estado de solteiro o duque D. Pedro, succedeu na sua casa seu irmão, D. João de Bragança, que foi 2.º duque de Lafões. Este principe, que durante 18 annos viajou pela maior parte da Europa, e pela Syria e Egypto, e que, no seu regresso á patria, occupou junto da rainha D. Maria I, que o tratava por tio, os mais elevados cargos do estado, e ao qual o paiz deve a fundação da academia real das sciencias, casou de edade avançada com uma das filhas do marquez de Marialva, de quem teve um filho, que morreu criança, e duas filhas, D. Anna Maria José Domingas Francisca Senhorinha Matheus Joanna Carlota de Bragança Sousa e Ligne Tavares Mascarenhas da Silva, que foi 3.ª duqueza de Lafões, e D. Maria Domingas de Bragança, que casou com o 6.º duque de Cadaval.

A duqueza D. Anna Maria de Bragança casou com D. Segismundo Caetano Alvares Pereira de Mello, segundo filho dos 5.ºs duques da Cadaval, ha pouco fallecido. D'este matrimonio foi filha primogenita D. Maria Carlota de Bragança, que succedeu a sua mãe na casa, não no titulo de Lafões. Esta senhora, tambem já fallecida, foi casada com o sr. D. Pedro de Portugal e Castro, filho dos 5.ºs marquezes de Valença. Seu filho, o sr. D. Caetano de Bragança, é ao presente o 35.º senhor da casa de Sousa.

DUQUEZA DE TANCOS (1793)

A rainha D. Maria I fez duqueza de Tancos a sua camareira-mór, D. Constança Manuel, 2.ª marqueza de Tancos e 7.ª condessa da Atalaya, sendo viuva de D. Duarte Antonio da Camara, 5.º conde de Aveiras, gentil-homem da camara do infante D. Francisco, del-rei D. José I e da rainha D. Maria I, veador da casa real, general e governador das armas da corte e provincia da Estremadura, etc., fallecido em 1793.

D. Constança Manuel era senhora da casa de Tancos e Atalaya, e então representante d'essa nobre familia, que descende por varonia de D. João Manuel, filho bastardo del-rei D. Duarte, e por parte da mãe d'este principe, D. Joanna Manuel, traz a sua origem do infante D. Manuel, filho de S. Fernando, rei de Castella.

Por morte de D. Constança Manuel em 1794 extinguiu-se o ducado de Tancos, continuando nos seus descendentes os titulos de marquezes de Tancos e condes da Atalaya. O sr. D. Antonio Manuel de Noronha, filho do ultimo marquez de Tancos, é actualmente 10.º conde da Atalaya.

DUQUE DE MIRANDA DO CORVO (1796)

Foi creado este ducado pela rainha D. Maria I para os primogenitos dos duques de Lafões. Tendo esta soberana feito duque de Lafões a D. José de Bragança, filho dos 2.ºs duques do mesmo titulo, no dia do seu baptisado, em 26 de agosto de 1795, por decreto de 13 de maio de 1796 lh'o mudou no de duque de Miranda do Corvo. Falleceu em 1801, e foi o unico d'este titulo.

(Continúa)

I. DE VILHENA BARBOSA.